

Construindo um Hospital-Dia: o projeto de extensão Coletivo Núcleo das Psicoses

Bruno Vasconcelos; Alisson Fernando de Almeida Rosa; Aline Martins Disconsi; Marina Gomes Kirst;
Luiz Octavio Martins Staudt
Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / CAP - UFRGS
E-mail: vasconcelosbruno451@gmail.com

Resumo

O presente texto visa apresentar o projeto do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Clínica das Psicoses, ou apenas Núcleo das Psicoses (NP), que ocorre na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS (CAP). Sendo assim, buscou-se relatar os dispositivos clínicos utilizados no serviço de saúde, tendo em vista a diversidade de possibilidades de atividades ofertadas pelo NP. Entre elas, oficinas terapêuticas de rádio, música, teatro, escrita e cerâmica, assim como atendimentos individuais, apresentações clínicas de pacientes, eventos e festas. Também se tomou como objetivo elencar algumas das fundamentações teóricas dessa prática. Em especial, considerando a importância da presença de um coletivo que sustenta os espaços ofertados pelo projeto, explorou-se a função da existência dos outros no campo da clínica das psicoses.

Palavras-chave: oficinas terapêuticas; psicanálise; psicoterapia institucional.

Resumen

El presente texto tiene como objetivo presentar el proyecto del núcleo de enseñanza, investigación y extensión en clínica de las psicosis, o simplemente núcleo de las psicosis (NP), que se desarrolla en la

clínica de atenção psicológica de la UFRGS (CAP). Así, se busca relatar los dispositivos clínicos utilizados en el servicio de salud, considerando la diversidad de posibilidades de actividades ofrecidas por el NP. Entre ellas se encuentran: talleres terapéuticos de radio, música, teatro, escritura y cerámica, así como atenciones individuales, presentaciones clínicas de pacientes, eventos y celebraciones. También se ha tomado como objetivo enumerar algunas de las fundamentaciones teóricas de esta práctica. En especial, considerando la importancia de la presencia de un colectivo que sostiene los espacios ofrecidos por el proyecto, se exploró la función de la existencia de los otros en el ámbito de la clínica de las psicosis.

Palabras clave: Talleres terapéuticos, Psicoanálisis, Psicoterapia institucional.

Introdução

Sigmund Freud, em seu escrito *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia (o “caso Schreber”)*, já pontuava sobre a dificuldade presente para psicoterapeutas não ligados a instituições públicas em acolher casos de pacientes psicóticos, uma vez que, em geral, revela-se necessário um aparato institucional para sustentar o tratamento (FREUD, 2010). Tal dificuldade ocorre principalmente na medida em que se presentifica a experiência de uma transferência massiva na prática clínica diante das psicoses. Isso faz ser difícil falar sobre transferência na psicose sem evocar um *quantum* transferencial considerado individualmente insuportável aos terapeutas, convocando, assim, a incluir outros no tratamento (STAUDT, 2018).

Sendo assim, desenvolve-se a noção de que o cuidado do paciente psicótico deve ser realizado por meio de um referencial múltiplo (OURY, 1996, p. 713). Pois:

O despedaçamento, a “dissociação” das psicoses esquizofrênicas, implica uma referência múltipla, correlacionada com multi investimentos parciais. Dessas observações já podemos deduzir uma certa tendência muito específica do programa de organização dos locais de tratamento. De fato, o respeito a uma multirreferencialidade exige uma heterogeneidade das pessoas responsáveis pelos “atendimentos”, bem como uma grande diversidade dos “locais de vida”.

OURY, 1996. p. 713.

Seguindo essa linha, o psicanalista Jean Oury, ao discorrer sobre a história da psicoterapia no campo institucional, adverte “não se tratar de uma ‘situação’ constituída, mas de um ‘movimento’ que põe em questão práticas e concepções do campo psiquiátrico” (OURY, 1996, p. 709). Isso acontece, pois a psicoterapia institucional não é uma abordagem teórica e técnica propriamente dita e pronta para ser aplicada; pelo contrário, trata-se de um movimento que busca abarcar justamente o “real” da doença mental (OURY, 1996).

[...] a chamada psicoterapia institucional não é uma “técnica” passível de se aplicar, enquanto tal, a diferentes configurações de estabelecimentos psiquiátricos, mas, pelo contrário, está diretamente às voltas com o “real” da doença mental [...].
OURY, 1996. p. 710.

A grosso modo, para a psicanálise, o real difere do que comumente entendemos como realidade, sendo o primeiro referente a tudo aquilo que escapa de ser capturado pelas palavras. Dessa forma, “o real da doença mental” com o qual as intuições se deparam condiz justamente com a singularidade dos sujeitos e dos seus territórios, singularidades essas que constantemente conflitam com universalizações teóricas de cunho pragmático presentes na área da saúde.

Atualmente, na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, o grupo de trabalho nomeado Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Clínica das Psicoses, ou apenas Núcleo das

Psicoses (NP), destina-se, em especial, ao atendimento de pacientes psicóticos e neuróticos graves, como também à formação clínica de estudantes de Psicologia, de profissionais vinculados a atividades de pós-graduação e de extensão e ao desenvolvimento de pesquisas. O Núcleo das Psicoses surgiu como efeito das políticas públicas de desmanicomialização, nas quais se estabelece a criação de serviços substitutivos à internação psiquiátrica. É, deste modo, que a clínica-escola passou a receber pacientes em uma modalidade chamada de hospital-dia, o qual tem como premissa a produção criativa de um cotidiano e uma forte aposta no valor do laço social para a saúde mental dos usuários e seus familiares. Sendo assim, a construção de um hospital-dia em uma clínica-escola aparece:

[...] idealmente como estabelecimento cuja não adesão a uma certa fixidez dos estabelecimentos hospitalares em geral possa vir a concorrer para a produção das condições de escuta, de acolhimento do testemunho dos pacientes psicóticos de algo que ocorre no lugar do Outro. Do ponto de vista da clínica psicanalítica, trata-se da permeabilidade do dispositivo em relação ao instituído, o setting psicanalítico.

STAUDT; D'AGORD, 2020, p. 23.

Partindo disso, o grupo de trabalho se dispôs a começar a estudar e construir alguns dispositivos terapêuticos voltados para os sujeitos estruturados pela via da psicose ou neuroses graves. No momento, entre as atividades do núcleo constam: as oficinas terapêuticas (oficina terapêutica de cerâmica, de escrita, de música, de rádio e de teatro), reuniões de equipe com a totalidade de nosso coletivo, debates teóricos, atendimentos individuais em psicanálise, apresentação clínica psicanalítica de pacientes (em parceria com a Escola de Estudos Psicanalíticos), acompanhamentos terapêuticos, atendimento psiquiátrico, de assistência social, além de espaços de confraternização e festas.



Entrada do Auditório Martha Brizio, onde ocorrem as reuniões e oficinas do Núcleo das Psicoses na sede da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.

Créditos: Bruno Vasconcelos.

Fundamentação teórico-metodológica

O termo hospital-dia teve seu nascimento na década de 1960 na Argentina, tendo como proposta construir tratamentos coletivos em liberdade e, em paralelo, liberar leitos em hospitais psiquiátricos (ATZORI, 2013). Sua principal finalidade dizia respeito à criação de espaços de convivência. No entanto, após o fechamento desses centros durante o período de ditadura militar na história da Argentina, o Centro de Saúde Mental Ameghino, por meio do reconhecimento de uma demanda presente a partir dos pacientes psicóticos, deu início à prática de um hospital-dia, tendo como referência o viés psicanalítico. Este hospital-dia utiliza-se de oficinas de terapia ocupacional, de expressão corporal, de jornal, literária, de fantoches, de cozinha e de debate de cinema (ATZORI, 2013), propostas um tanto diferentes das desenvolvidas aqui em Porto Alegre hoje.

Tendo como base essa construção de um hospital-dia, destacamos que, para possibilitar que seja, de fato, um dispositivo terapêutico, é necessário estar atento à ética da psicanálise enquanto norteadora dessa prática. Isto é, uma terapêutica institucional na qual a equipe precisa estar com a escuta atenta àquilo que surge enquanto desejo de seus usuários, posto que:

Se a ética da psicanálise é a ética do desejo, é essa posição que o hospital-dia propõe como um dispositivo para o tratamento da psicose. Como um instrumento para que a partir da singularidade de cada paciente se teorize, se delineie a direção de uma cura, e se implementem as possíveis estratégias, não para fazê-lo social, no sentido do amistoso, mas para a criação de um possível laço social. O nome hospital-dia pode levar a um mal entendido se o relacionarem com um lugar de ressocialização, de readaptação social, lugar de tempo livre ocupado, ortopedia do eu etc.

ATZORI, 2013. p. 106.

Sendo assim, percebe-se o alinhamento do projeto com o movimento das psicoterapias institucionais, que demonstram uma preocupação em fornecer um atendimento diferente do que se tem em hospitais psiquiátricos com regimes de segregação ambiental, de cunho carcerário, assim como o desejo de “humanizar” as relações, visando permitir um convívio terapêutico de fato (OURY, 1996, p. 710).

Um outro traço importante do nosso trabalho é justamente consolidar a aposta feita na importância do laço social. O núcleo, com todos os seus dispositivos terapêuticos e equipe, atua como oferta de possíveis “locais de vida” (ATZORI, 2013) — locais esses que são construídos singularmente de acordo com o desejo dos usuários, em conjunto com o interesse da equipe de sustentar essa ou aquela atividade. Portanto, sua função terapêutica para aqueles sujeitos em específico se sobressai a qualquer tipo de proposição pedagógica.

Além disso, Contardo Calligaris, nos seminários de Introdução a uma clínica diferencial das psicoses, afirma que costumamos utilizar uma definição negativa do que seria a psicose (CALLIGARIS, 2013). Essa definição é negativa, uma vez que se sustenta na forclusão do nome-do-pai enquanto característica central da estrutura psicótica. Assim:

De fato, haveria então um universal da psicose, a forclusão do nome-do-pai, mas por que poderia haver um universal da psicose? Porque justamente é um universal negativo. O que permite esse universal é a neurose, não é a psicose enquanto tal. O que funda este universal é o que há de universal na neurose (a referência paterna), enquanto faltando.

CALLIGARIS, 2013. p. 24.

Chama atenção que no livro *História da loucura* do filósofo Michel Foucault, o autor também fala sobre uma definição negativa, neste caso, daquilo que usualmente chamamos de loucura. Para ele:

Existe uma certa evidência do louco, uma determinação imediata de seus traços que parece correlativa, justamente, à não-determinação da loucura. Quanto menos precisa é, mais facilmente é reconhecida. Na própria medida em que não sabemos onde começa a loucura, sabemos, através de um saber quase incontestável, o que é o louco.

FOUCAULT, 2017. p. 181.

Todavia, vale a pena destacar a diferença entre os conceitos de psicose e loucura. A psicose caracteriza uma forma de estruturação de defesa do sujeito (estando a forclusão do nome-do-pai atuando para a psicose de forma equivalente ao recalque para a neurose) (CALLIGARIS, 2013). Já o conceito de loucura está intimamente ligado a um saber-poder que atua de forma mais ampla e com uma forte relação às referências de normalidade. Dessa forma, personagens como presos políticos ou suicidas não escapam da lógica manicomial correccional, e muitas vezes aparecem no cenário dos manicômios e internações (FOUCAULT, 2017).

Ademais, Calligaris também fala sobre uma relativa invisibilidade da estrutura psicótica fora de crise, isto é, quando figura fora desse cenário, uma vez que, tendo em vista a lógica descritiva das ciências médicas:

[...] para clínica clássica, se não há fenômenos elementares da crise, quer sejam do lado de manifestações alucinatórias ou do lado da constituição do delírio, não há uma categoria nosográfica de psicose.

CALLIGARIS, 2013. p. 13.

Portanto, pode-se notar que o sujeito estruturado pela via da psicose, em geral, acaba por acessar o campo da saúde mental justamente nos momentos em que extrapola o âmbito da normalidade, isto é, quando é acometido por um episódio de crise. Sendo assim, essa pessoa provavelmente será encaminhada para uma internação psiquiátrica. Essa configuração parece ser problemática, uma vez que, como podemos ver no dia a dia dos trabalhos do núcleo, as oficinas terapêuticas, o atendimento individual e os outros dispositivos possibilitam o acolhimento das demandas dos usuários de forma constante e perene. O dispositivo da apresentação clínica psicanalítica de pacientes, por sua vez, também mostra sua função, dado que, nessa prática, busca-se acolher um testemunho dos pacientes psicóticos. Da forma como é feito no núcleo, tendo como referencial a teoria psicanalítica, observamos algo bem diferente das apresentações de pacientes da psiquiatria clássica, que tomavam esses sujeitos enquanto objeto de estudo. Na apresentação psicanalítica é conferido um lugar de visibilidade e importância diante do outro, buscando dar valor para suas palavras, delírios, alucinações e seu saber (STAUDT; D'AGORD, 2020).

Resultados

Aqui, acho importante ressaltar que o interesse pela proposta do núcleo enquanto extensionista deve-se ao contato com diversos usuários com trajetórias marcadas por internações psiquiátricas e episódios

de crise que, todavia, após terem encontrado o espaço do hospital-dia, permanecem longos anos sem nenhuma nova recorrência. A possibilidade de dar lugar ao desejo parece conduzir a uma promoção de saúde. Ademais, sendo as oficinas primordialmente pautadas pela produção de objetos específicos relacionados ao tema da respectiva oficina, esses servem como mediação fundamental para o incremento do laço social desses sujeitos, que, via de regra, se encontram em situação de vulnerabilidade social em decorrência de suas dificuldades com o discurso vigente.

Freud destaca que “tanto para a neurose como para a psicose há a considerar não apenas a questão da perda da realidade, mas também de uma substituição da realidade” (FREUD, 2011, p. 22). Penso que esse tem sido um grande erro ao pensar a psicose, pois o grande enfoque na perda da realidade, no que está “disfuncional”, muitas vezes fica à frente daquilo que se constitui enquanto metáfora e delírio, onde pode surgir algo novo.

Tania Rivera (2023) repensa o conceito de delírio, partindo de suas origens freudianas e psicopatológicas de reconstrução do tecido da realidade no contexto da psicose, para pensá-lo como mecanismo central de qualquer fazer artístico que revire os eixos imaginários vigentes. Nessa esteira, cultivar um espaço de socialização do delírio na arte e da arte que delira é uma forma de possibilitar o advento de sujeitos autores de suas produções artísticas.

O laço social, nesse momento, auxilia justamente nesse sentido que se dá para esses locais de vida, visto que também gera um compromisso com ser ator, radialista, ceramista, entre outras coisas, pois, em contraponto ao que seria um “fazer de conta”, se constrói de fato uma rádio, uma exposição, um livro, um conjunto de músicas ou uma revista que circulam pelas mãos do Outro e de outros (em especial com a UFRGS, instituição com a qual muitos oficinandos possuem uma transferência).

Exemplos disso são as participações do núcleo no

salão de extensão dos últimos anos e os eventos feitos na própria clínica. No ano de 2023, foi montada uma exposição das produções das oficinas no centro cultural da UFRGS. A exposição contou com conjuntos de esculturas de cerâmica, varal com textos da oficina de escrita, livros publicados por usuários, assim como apresentação em grupo das composições originais da oficina de música e, ainda, prática de oficina de rádio ao vivo, temática dos projetos presentes no salão de extensão.

Já no ano de 2023, foi iniciado um projeto de criação do acervo de cerâmicas do Núcleo. Inicialmente, ocorreu uma reunião de esforços para a organização do espaço físico onde eram guardadas as cerâmicas e a separação destas de acordo com

a autoria. A partir desse momento, as produções de cada afinando passaram a ser catalogadas e arquivadas com título e data. Tal acontecimento gerou efeitos inesperados na oficina, como a criação de pseudônimos por alguns afinandos e modificações no próprio estilo de modelagem das cerâmicas. O resultado desse trabalho é a criação do site do Acervo Digital de Cerâmicas do Núcleo, contando com as produções em cerâmica fotografadas e catalogadas.

Sobre os eventos feitos na clínica, duas vezes por ano é realizada uma festa de confraternização do coletivo, sendo estas abertas ao público. É um momento que envolve a equipe da clínica, os usuários dos serviços, seus familiares e amigos,



Entrada do acervo de cerâmicas da oficina.
Créditos: Bruno Vasconcelos.

Parede de cerâmicas na sede da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.
Créditos: Bruno Vasconcelos.



Raiz. Monstrinho (2024). Disponível em:
<https://acervoceramicascap.blogspot.com/>
Créditos: Marina Gomes Kirst.



assim como antigos usuários que retornam para a ocasião. No meio do ano, a festa é de temática julina. Nesses eventos, monta-se um lanche coletivo, a exposição das produções de oficinas, o público assiste a curtas da oficina de teatro e ainda pode participar do lançamento de revistas, livros ou músicas. Por fim, todo ano é confeccionada a revista *Relatividade*, com produções da oficina de escrita, assim como a rádio, que se chama Café da Tarde, disponibiliza episódios semanalmente no YouTube.

Considerações finais

O trabalho de elaboração singular das oficinas terapêuticas pode ser pensado em contraponto a uma demanda normativa de adequação, assim como a produção de laços sociais proporcionada pelo convívio e atuação do coletivo surge como uma boa forma de produção de autonomia. Assim, o coletivo do Núcleo das Psicoses e seus dispositivos, como o coletivo da clínica La Borde, criada pelo psiquiatra e psicanalista Jean Oury, mostra sua importância na medida em que:

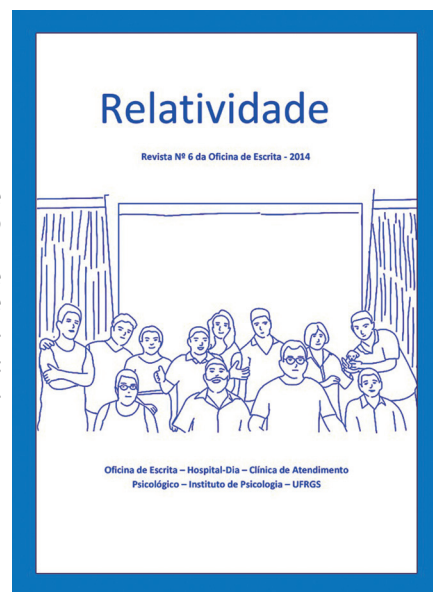
Esse “coletivo” produz a possibilidade de salvar um certo grau de liberdade e iniciativa, e portanto de contatos, mas, ao mesmo tempo, de

“eventos”. Produzimos eventos. Até as menores coisas que sucedem na vida podem tornar-se um “evento” para alguém que está em derrelição, podendo então esse evento, pela tradução que se fornece dele, ser utilizado pelo sujeito para adquirir uma singularidade eficaz. “Eficaz” no sentido de poder criar, dentro e através da rede institucional, trocas, encontros etc. Isso permite a cada um, havendo todos esses sistemas de redes transferenciais, aceder momentaneamente a uma reemergência de si.

OURY, 1996. p. 719.

Capa de uma edição da revista *Relatividade* da oficina de Escrita.

Créditos: Luiz Staudt.



Referências Bibliográficas

- ATZORI, S. Hospital-dia. In: BRIZIO, M. (org.). *Psicose e emergência do sujeito: leituras psicanalíticas em uma clínica escola*. Porto Alegre: Evangraf, 2013.
- CALLIGARIS, C. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- FREUD, S. A perda da realidade na neurose e psicose. In: _____. *Obras completas*, v. 16: *O eu e o id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- OURY, J. Psicanálise & psiquiatria e psicoterapia institucionais. In: KAUFMANN, P. (org.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- RIVERA, T. *Lugares do delírio: arte e expressão, loucura e política*. São Paulo: Edições SESC São Paulo; n-1 edições, 2023.
- STAUDT, L. O. M.; D'AGORD, M. R. L. Para além da fantasia: contribuições psicanalíticas para o tratamento possível das psicoses no hospital-dia. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p. 6-37, jun. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000100001. Acesso em: 30 out. 2023.
- STAUDT, L. O. M. *Transferência e psicose: a psicanálise no hospital-dia*. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicanálise: Clínica e Cultura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181424>. Acesso em: 30 out. 2023.